



TRIBUNAL DE CONTAS DO
ESTADO DE GOIÁS

Bons exemplos: dois ministros da Saúde de tirar o chapéu

por Agop Kayayan
Ex-Representante do Unicef no Brasil

Todos sabemos que a situação geral da saúde pública do Brasil é muito precária, para não dizer péssima. Mesmo aqueles que são contra aumentos do orçamento em saúde pública concordam com essa afirmação.

Mas também é do conhecimento público que o Brasil tem todos os meios para melhorar substancialmente a situação de saúde em prazos relativamente curtos. “O Brasil Pode” foi um pequeno artigo de jornal que escrevi nos anos 90. Acredito ainda que, quando o país de fato quer, consegue resultados excelentes. O Brasil tem recursos humanos de alta qualidade, recursos financeiros e uma riqueza natural que poucos países possuem.

Quando o Brasil quis produzir aviões nem países ricos conseguiram fazer produtos melhores que os da Embraer, em sua categoria. Um Estado relativamente pobre como o Ceará conseguiu reduzir de maneira drástica a mortalidade infantil num curto espaço de tempo. Um programa modelo iniciado pelo governador Tasso Jereissati, e continuado pelo governador Ciro Gomes, teve resultados pouco vistos no mundo inteiro. No espaço de cinco anos, a mortalidade infantil caiu aproximadamente 40%.

Durante muito tempo, a prioridade do Unicef no Brasil se concentrou em três assuntos: saúde, educação e defesa dos direitos da criança e do adolescente.

Quero falar de dois ministros de Saúde aqui. Os dois já faleceram e foram ministros quase na mesma época: Henrique Antônio Santillo e Adib Jatene.

O dr. Henrique Antônio Santillo foi ministro do governo do presidente Itamar Franco e o dr. Adib Jatene foi ministro do presidente Fernando Henrique Cardoso.

Paulista de Ribeirão Preto, o dr. Henrique Antônio Santillo mudou-se com cinco anos para Anápolis, no interior de Goiás. Foi um médico-político. Passou em primeiro lugar no vestibular de medicina da UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais).



TRIBUNAL DE CONTAS DO
ESTADO DE GOIÁS

Desde seu tempo de aluno de medicina foi ativo em política. Mais tarde, foi eleito vereador, deputado estadual, senador, prefeito e governador de Goiás. Quando faleceu, era conselheiro do Tribunal de Contas do Estado de Goiás.

Foi com o dr. Henrique Santillo à frente do Ministério da Saúde que nasceu o Programa Saúde da Família, considerado o maior programa de atenção primária de saúde do mundo, e que surgiu com o apoio incondicional do Unicef. Em sua gestão, foram repassados, pela primeira vez, recursos financeiros do tesouro nacional, fundo a fundo, para os municípios, consolidando assim a descentralização e fortalecendo o Sistema Único de Saúde (SUS). O ministro também foi um dos coordenadores do Pacto pela Infância, que mobilizou o país inteiro pela garantia dos direitos das crianças.

Logo que foi nomeado, o dr. Henrique Santillo me ligou e disse que era a primeira pessoa fora do Ministério que ele estava chamando. Minha resposta natural foi de dizer que agradecia a honra e que gostaria de saber a razão. O motivo era simples. Ele queria ter um funcionário nosso, o dr. Halim Antonio Girade, trabalhando com ele no Ministério da Saúde para pôr em ação o Programa Saúde da Família. Sugeri ao ministro uma reunião. Imediatamente, ele se ofereceu para vir falar comigo no Unicef. Agradei novamente, mas minha contraproposta foi visitá-lo no Ministério da Saúde. Meia hora depois, estava sentado com o ministro discutindo a ideia da transferência do nosso funcionário. O dr. Girade era um dos nossos coordenadores de saúde. Mencionei ao ministro que o escritório de Nova York não iria aprovar a ideia, mas que isso era problema meu e não dele. O dr. Santillo me assegurou que o dr. Girade trabalharia em assuntos de mútuo acordo com o Unicef. Fiz algo que era uma pequena quebra de regulamento, mas sabendo que tanto auditores quanto os meus superiores aprovariam. Teríamos um funcionário do Unicef assessorando o ministro sobre um programa fortemente recomendado por nós. O que mais desejaríamos? O dr. Halim Antonio Girade transferiu seu escritório para o Ministério da Saúde, para uma sala ao lado do ministro. Não precisava ter autorização de Nova York para isso, não é? O Programa Saúde da Família teve um sucesso extraordinário. Todo mundo



TRIBUNAL DE CONTAS DO
ESTADO DE GOIÁS

ficou feliz, inclusive nossa colega de RH do escritório de Nova York, que não foi mais perturbada sobre o assunto.

Ao contrário do dr. Santillo, o dr. Adib Jatene não ocupou cargos políticos. Nascido em Xapuri, no estado do Acre, ele fez medicina na Universidade de São Paulo (USP), onde foi professor e se especializou em cirurgia cardíaca. Cardiologista famoso e com participação ativa em organizações do terceiro setor, foi secretário de Estado da Saúde de São Paulo e duas vezes ministro, sendo que na última vez, quando o conheci, atuou no governo do presidente Fernando Henrique Cardoso.

Eu me precipitei em pensar que não seria um bom ministro por razões supérfluas. Ele era um médico muito famoso na sua especialidade. Vindo da medicina privada, tive minhas dúvidas se seria um bom ministro da saúde pública. A experiência comprovou que eu estava errado em ambos os argumentos.

No início da sua gestão, em uma entrevista, o dr. Jatene não se mostrou muito favorável à atenção primária de saúde. Pensei rapidamente que isso comprovava minha opinião de que iríamos ter um ministro do primeiro mundo tratando de um país do terceiro mundo. Pedi uma reunião com ele, que me atendeu sem assessores. Apresentei os dados sobre morbimortalidade infantil e de mães. Como todo bom pesquisador, ele me questionou. As perguntas eram todas muito relevantes. Meu objetivo não era o de criticar de maneira frontal um novo ministro da Saúde. Acredito que ele entendeu e quis ter certeza da qualidade de dados apresentados. Algum tempo mais tarde, numa nova entrevista, o dr. Jatene, maravilhoso técnico de saúde pública, declarou que tinha emitido uma opinião apressada sobre a atenção primária de saúde. Acrescentou que a atenção primária de saúde seria uma das áreas importantes da sua política de saúde. Pela primeira vez na minha carreira de 20 anos de Unicef, encontrei um ministro de Estado que declarava de maneira simples que tinha errado e corrigia claramente a política a seguir. Minha reação foi tirar o chapéu para o homem honesto e brilhante.

Mais tarde, tirei o chapéu outra vez. Ele lançou a ideia do imposto CPMF para financiar de maneira significativa a saúde pública no Brasil. Achei a ideia brilhante. Sem



TRIBUNAL DE CONTAS DO
ESTADO DE GOIÁS

necessidade de enfrentar problemas financeiros regularmente, o SUS estaria financiado adequadamente e de maneira constante. O que era o abra-te-sésamo para o ministro e para mim foi combatido violentamente por opositores bem organizados. Mas eles não sabiam, tampouco eu, que o ministro Jatene tinha “cabeça dura” e iria defender a ideia pelo Brasil inteiro. Viajou constantemente defendendo a proposta. Como havia publicamente apoiado a ideia, ele me convidou para acompanhá-lo em algumas viagens. Em Pernambuco, vi um homem muito respeitado na área médica andando por comunidades pobres e estudando o programa de atenção primária de saúde não com ilustres professores, mas sim com trabalhadores comunitários. O esforço foi tão grande que a oposição e o apoio tívio no governo tiveram que ceder. O Congresso Nacional aprovou o imposto. Mas, para surpresa do dr. Jatene, seu governo declarou que os recursos provenientes do imposto seriam do tesouro público e não dos programas de saúde. Tirei outra vez meu chapéu para o dr. Adib Jatene quando sem cerimônia tomou um voo “one way” para São Paulo.

Conheci e tive a honra de dirigir o Unicef no Brasil quando eles ocuparam o cargo de ministro da Saúde. Por que admiro duas pessoas tão diferentes? O que fizeram como dirigentes da política de saúde?

A explicação é tão simples que muitos políticos não vão entender o argumento básico. Os dois ministros, pessoas muito diferentes de caráter, de formação, de carreira e de origem geográfica, foram políticos no sentido mais nobre da palavra. Buscaram as melhores políticas de saúde para os que mais necessitavam e colocaram toda sua vontade e capacidade técnica e política para conseguir melhor atenção de saúde para os que mais precisavam.

Escrevo essas palavras sobre duas pessoas falecidas para que os jovens brasileiros não percam a esperança. Existem políticos que merecem o nosso respeito. Tirei o chapéu para esses dois ministros porque eles demonstraram alta consideração pelo bem público e usaram toda a capacidade que tinham para melhorar as condições de saúde dos menos privilegiados no Brasil. Exemplos que merecem ser conhecidos e seguidos.